

A construção da candidatura Roseana

21 JAN 2002

Ricardo Lessa
de São Paulo

As pesquisas de intenção de voto costumam registrar, mal ou bem, a situação dos políticos diante de seu eleitorado num determinado momento. No caso da governadora maranhense Roseana Sarney (PFL), as pesquisas, pode-se dizer, quase que lançaram sua candidatura à sucessão presidencial. A primeira vez que seu nome foi citado de forma incisiva pelos entrevistados foi há pouco mais de dois anos, em dezembro 1999. Ela apareceu como a maior aprovação entre os governadores de estado em pesquisa do Vox Populi para a Confederação Nacional do Transporte. Teve 61% de aplausos. Os segundos colocados, César Borges (PFL) da Bahia e Marcondes Perillo (PSDB) de Goiás, foram aprovados por 42% dos pesquisados.

Isso ainda não seria suficiente para lançá-la no cenário nacional. Afinal, o PFL dispunha das opções do governador paranaense, Jaime Lerner, e do próprio senador Antonio Carlos Magalhães. Já naquela época, o diretor executivo do partido, Saulo Queiroz começou a apostar na filha do ex-presidente José Sarney.

No mesmo mês (dezembro de 1999), outro levantamento do Vox Populi sondou a presença de Roseana no resto do país. Ela apareceu com 6% de preferências em diversas simulações. Em fevereiro de 2000, foi feita uma pesquisa qualitativa para tentar descobrir as razões da aprovação do nome de Roseana. "Constatamos que o sobrenome Sarney era importante, que o fato dela ser mulher era importante, que o fato de ser governadora tinha muita aprovação", lembra o presidente do Vox Populi, João Francisco Meira.

Nas pesquisas seguintes, no primeiro semestre de 2000, o nome de Roseana passou a ser incluído em diversos cenários e em diversas simulações. "A candidatura de Roseana foi resultado de um trabalho profissional e tecnicamente feito para dar certo no momento certo", diz Meira.

Entre julho e o fim de 2000, a candidatura hibernou por conta das eleições municipais. O ano de 2001 não começou bem para o PFL. O partido perdeu a presidência da Câmara para o PSDB e começa a crise do painel do Senado, onde o principal expoente do partido, Antonio Carlos Magalhães, se vê incriminado.

A campanha de 2002 voltou à pauta no PFL. Com a renúncia do senador baiano em maio do ano passado, o caminho ficou aberto para a direção que o senador Jorge Bornhausen pretendia empurrar o partido, já que Antonio Carlos Magalhães pensava que ele próprio poderia disputar a presidência ou impulsionar a candidatura de Tasso Jereissati.

ELEICAO PRESIDENCIAL

Eleições sem padrão

Em percentuais

GAZETA MERCANTIL

Eleição 1989				Eleição 1994				Eleição 1998			
Um ano antes		Resultado 1º turno		Um ano antes		Resultado 1º turno		Um ano antes		Resultado 1º turno	
Brizola	19	Collor	28	Lula	33	FHC	44	FHC	39	FHC	43
Lula	14	Lula	16	Maluf	15	Brizola	3	Lula	22	Lula	26
Collor	9	Brizola	15	Brizola	8	Lula	22	Ciro	6	Ciro	9
Ulisses	8	Jânio	8	FHC	7	Quércia	4	Eneas	4	Eneas	2
Maluf	7	Ulisses	4	Quércia	3	Branco e		Ivan Frola	1	Branco e	
Jânio	8	Branco e		Outros	22	nulos	19	Branco e		nulos	19
Outros	20	nulos	19	Não sabem	9	Outros	9	nulos	15	Outros	1
Não sabem	15	Outros	10					Não sabe	14		

Fonte: Ibope Obs: Algumas somas são diferentes de 100 por causa dos arredondamentos

Mesmo durante a crise do PFL, as pesquisas nacionais continuavam mostrando crescimento da aprovação de seu nome.

"Em meados de 2001, fizemos mais um estudo de viabilidade e constatamos que Roseana tinha o perfil que o eleitor médio queria", recorda Meira. Segundo ele, a pesquisa mostrou que o eleitor queria uma mudança que não fosse radical, queria alguém que não fosse comprometido com o governo atual e achava que o Brasil já estava maduro para uma presidente mulher.

A essa altura, os índices de preferência do eleitorado já mostravam 13% para o nome de Roseana. A direção do PFL perguntou à governa-

dora se ela estava pronta: "Estou pronta para tudo", respondeu a filha de Sarney, que tinha acabado de sair de uma das muitas operações que sofreu ao longo de seus 48 anos. Numas delas enfrentou uma septicemia e correu perigo de vida.

Em julho do ano passado, com a filiação do prefeito do Rio de Janeiro, Cesar Maia, ao PFL, Roseana ganhou um entusiasta e mais um ferrenho analista das pesquisas de opinião. Amanhã já estará nas ruas nova rodada da GPP, grupo que costuma fazer as pesquisas para Cesar Maia, para medir o impacto do lançamento da candidatura de José Serra no eleitorado de Roseana. Paulo Guimarães, presidente do GPP, acha que não será grande: "Roseana

tem mostrado grande consistência e sempre vem crescendo desde que começamos a medir as intenções de voto em agosto do ano passado".

Guimarães ressalta que a governadora maranhense vem conseguindo ótimos índices até em colégios eleitorais que, imaginava-se, estariam fechados. No mês de dezembro, em Minas, ela obteve 17% de aprovação, empatada com o governador Itamar Franco. Em São Paulo, obteve 15%, passando José Serra em seu colégio eleitoral natal. Ainda é muito cedo, porém, para qualquer prognóstico (leia reportagem acima). A história das eleições mostra que os percentuais das pesquisas são extremamente instáveis nos anos eleitorais.